

GILBERTO FREYRE: A SOCIOLOGIA COMO SISTEMA

Elide Rugai Bastos

Gilberto Freyre pertence a uma linhagem de ensaístas que desenvolvem seus trabalhos na década de 30, sendo que a essa família pertencem também Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda, os quais desenvolvem seus estudos dentro de quadro analítico bastante diferenciado. Há que se considerar que tais autores independem de ou precedem, nas áreas específicas a que se dedicam, uma cultura de caráter universitário. O traço mais geral desses trabalhos, que encontram seus primeiros delineamentos na década anterior, é uma *obsessão explicativa do Brasil*. Essas discussões, feitas por autores ligados a várias áreas do conhecimento e de diferentes filiações teóricas, abandonam progressivamente a marca de *lamentação sobre a inexistência de uma cultura brasileira* característica do ensaísmo de 20, para voltar-se à busca das raízes de nossa formação. Essa mudança explicita-se no debate sobre a língua, a educação, a organização política, as artes plásticas, a arquitetura, a música. Se anteriormente tais reflexões apontavam para o *contínuo vexame* a que o Brasil se expõe face às outras nações, agora altera-se o tom. Ainda se comparam largamente os índices brasileiros de alfabetização, industrialização, saúde, com os alcançados pelos outros países, apontando para nosso fraco desempenho. Porém, o quadro é outro. Trata-se de "procurar uma atitude de análise e crítica em face do que se chamava incansavelmente a 'realidade brasileira' (um dos conceitos-chave do momento)".¹ Essa busca ganha sentido na medida em que o Estado detém agora instrumentos que permitem o encaminhamento de soluções aos problemas denunciados. Mais do que isso, a discussão faz parte de um processo mais amplo, no qual se constituem, simultaneamente, o Estado e as novas instituições sociais. É um momento de crença na

* Tive oportunidade de refletir e debater sobre as questões envolvidas neste artigo no curso ministrado pelo professor Paulo Eduardo Arantes, do Departamento de Filosofia da USP, "Cruz Costa e a Filosofia no Brasil", no primeiro semestre de 1985.

força da Sociedade Civil, que permite ao debate intelectual fazer-se com relativa independência do Estado e das instituições sob sua tutela.

Com este pano de fundo, explica-se a mudança de clave representada pela reflexão gilbertiana. Seus trabalhos da década de 20 apontam, simultaneamente, para dois pontos aparentemente contraditórios: de um lado, denunciam um crescente processo de falsa modernização em curso, que destrói as tradições nacionais; de outro, reclamam sobre a não-modernização científica e institucional, meta que, se não alcançada, impedirá ao Brasil afirmar-se como Nação do século XX. As obras da década de 30 voltam-se à reinterpretação do passado nacional, aos estudos sobre as questões racial e cultural. Porém, mais do que as transformações comuns aos estudos do período, e das quais Gilberto Freyre é tributário, a principal mudança reside no questionamento dos *recursos* disponíveis para a análise do social. Em seus trabalhos pós-30, Freyre busca tanto a construção dos instrumentos analíticos novos, como uma nova interpretação da história social brasileira. Este procedimento resulta num grande salto, que marcará profundamente a reflexão sobre o social.

SOCIOLOGIA COMO SISTEMA

Casa-Grande & Senzala, publicada em 1933, retoma temas presentes no debate da década de 20 sobre a formação nacional. Nesse trabalho, Gilberto Freyre, herdeiro dessa tradição, dialoga, explícita ou implicitamente, com vários autores — Paulo Prado, Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral, Sílvio Romero, entre outros —, ora incorporando, ora rejeitando suas idéias.

O que explica, então, o fato de o livro, imediatamente à sua publicação, ser colocado em patamar diferente das obras daqueles escritores, atribuindo-se-lhe caráter explicativo mais amplo e definitivo? Em outras palavras, serão as idéias gilbertianas tão diferenciadas das de seus predecessores que justifiquem, por si só, o sucesso e o caráter assumidos por *Casa-Grande & Senzala*?

A meu ver, a grande repercussão ocorre porque Gilberto Freyre representa um momento de passagem, o fechamento de um ciclo, quando a teoria social deixa de apresentar-se como manifestação dispersa e surge como um sistema; a sociologia. Nesse sentido, é o último pensador de um período e o primeiro de uma nova etapa, que se desenvolverá à sua revelia.²

O ponto de toque dessa transição é dado pelo abandono do *discurso jurídico*, até então o instrumento explicativo da realidade, e a adoção do *discurso sociológico* como novo código competente para dar conta do social. O impacto dessa transformação é palpável e o comentário de Monteiro Lobato o ilustra: “Gilberto Freyre tem o destino dos Grandes Esclarecedores. Antes de sua amável e pitoresca lição, vivíamos num caos impressionista, atropalhadíssimos com os nossos ingredientes raciais, uns a negá-los, como os que têm como ‘patriótico’ esconder o negro, clarear o mulato e atribuir virtudes romanas aos índios; outros a condenar isto em nome daquilo — tudo impressionismo duma ingenuidade absoluta e muito revelador da mais completa ausência de cultura científica na

nossa gente culta e até em nossos sábios. (...) Seu livro era sociologia, jogava com toda a técnica da misteriosa ciência e com a sua estranha terminologia".³

A metamorfose do jurídico ao sociológico é componente fundamental do processo de institucionalização das Ciências Sociais. Esta dar-se-á na década de 30 através da criação de cursos de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo e Escola de Sociologia e Política, em São Paulo; inclusão da disciplina Sociologia em diversos cursos, como na Universidade do Distrito Federal; multiplicação de coleções de livros de estudos brasileiros, tais como *Brasiliana*, *Documentos Brasileiros*, *Problemas Políticos Contemporâneos*, *Coleção Azul*. O clima era tão propício a seu desenvolvimento que já se disse, ironicamente, que, se na geração anterior os jovens autores procuravam se afirmar através de um livro inaugural de versos, na década de 30 tendiam a fazê-lo por meio do ensaio de cunho sociológico.⁴

Gilberto Freyre encontra-se no ponto de inflexão desse processo de transição. E isso se deve a inúmeros fatores. É necessário lembrar que a sistematização de uma teoria resulta de um processo cumulativo de pensamento. Os ensaios dos anos 30 são devedores daqueles da década de 20. Há nestes uma maturação da reflexão sobre a formação nacional, permitindo um avanço na colocação da problemática. Porém não é só: também a mudança de temática, que não gira apenas em torno da organicidade do Estado, mas incorpora ao debate a constituição da sociedade. Isto exige a busca de novo instrumental analítico, que abre espaço ao discurso sociológico. Nesse sentido, Gilberto Freyre encontra-se numa situação privilegiada, pois vários fatores permitem que domine recursos de análise não disponíveis aos intelectuais formados no País. Estudou Ciências Sociais na Universidade de Colúmbia, num momento de fervor do debate sobre as formações nacionais, principalmente acionado pelos resultados sociais e políticos da primeira guerra mundial. Foi aluno de Boas, cujo culturalismo se colocava como oponente teórico da sociobiologia. Lia inglês, quando no Brasil a língua à disposição dos pesquisadores era principalmente o francês, o que lhe abre horizontes bibliográficos novos. Viajou pela Europa num momento em que os movimentos nacionalistas encontravam-se em grande ascensão. Beneficiou-se do fato de trabalhar com os resultados do amplo debate no âmbito do pensamento social, tanto ao nível nacional como internacional.

Refletir sobre a existência, no Brasil, durante a década de 20, de uma crescente fermentação de idéias significa lembrar o substrato social no qual esse processo se realiza. O ensaísmo florescente nesse período decorre de mudanças de caráter econômico, político, social e cultural. É bastante significativo o fato de no início dos anos 20 ocorrerem quatro grandes movimentos que, de um lado são resultado de um debate social, e de outro, concorrem para acelerar o processo de transformação da sociedade. Refiro-me à Semana de Arte Moderna, que simultaneamente é resultado e desencadeia uma revolução estética, denuncia a ingenuidade do ufanismo e contribui para a valorização das coisas do País; às mobilizações sociais de trabalhadores, inúmeras no período, que ganham nova dimensão e atingem outra etapa, na medida em que se funda o Partido Comunista do Brasil, organização possível pela própria existência daquelas lutas; às idéias católicas, reação tradicionalista, que apareciam como manifestações dispersas, de

caráter individual, e que tomam rumo mais marcante a partir da criação do Centro Dom Vital e da edição da revista *A Ordem*; à rebelião do Forte de Copacabana, marco do movimento tenentista.

Esses acontecimentos expressam o processo de desgaste do pacto oligárquico. Estava ocorrendo a perda de terreno econômico e político pelos setores tradicionais ligados à exportação, em favor de um capital nacional que se desenvolve também através de investimentos industriais. O choque de interesse deixa espaço ao debate das idéias que, nesse palco, ora vão opor-se, ora articular-se. Em outros termos, a crise permite o aparecimento de idéias em confronto. Idéias de caráter conservador bem marcado, que se opõem ou mesclam com propostas liberais avançadas. Cria-se um espaço de debate onde surge a possibilidade de novos parceiros do diálogo. Nesse clima, os intelectuais são desafiados para novas reflexões, de certo modo independentes em relação ao Estado. Essa tendência acentua-se com a revolução de 30 e o "fervor cultural" que a acompanha.⁵

Nesse sentido, para a discussão do papel que a obra de Gilberto Freyre desempenha na articulação de forças da década de 30, é fundamental que a coloquemos em referência às mobilizações sociais, às formas de organização e institucionalização, aos debates políticos em curso e às obras produzidas nesse momento e nos anos anteriores. Só assim será possível entender por que acaba por ser celebrado como o explicador da realidade brasileira. Se a genialidade é um dos componentes do processo, como tantas vezes já foi indicado, parece-me importante mostrar que este caráter lhe é conferido pelo fato de estar historicamente localizado num momento político, social e cultural que lhe permitiu mobilizar instrumentos adequados à passagem de uma etapa de *meditação* a uma fase de *explicação* do social.

A SOCIOLOGIA E O CONFLITO

O que poderíamos considerar como temática privilegiada de Gilberto Freyre? *A transição ao moderno* com dois elementos presentes no processo: a decadência e a sobrevivência. Por isso elege como problemas importantes da sociedade brasileira os vários momentos dessa passagem: busca as relações entre o regional e o nacional; questiona a centralização do poder; procura compreender as formas da transformação do escravo em trabalhador livre; segue os passos da transição da monarquia à república; tenta fixar as diferenças entre o século XIX e o XX; reflete sobre as perdas e a sobrevivência do tradicional face ao moderno; indaga sobre a separação e a articulação entre o agrário e o industrial; debate as semelhanças e a diversidade entre o rural e o urbano; e, principalmente, esforça-se por encontrar a continuidade e os rompimentos entre o privado e o público. Nesse percurso, paulatinamente, mostra uma sociedade onde essa transição se opera sem rupturas. Tal solução torna-se possível a partir de uma específica visão sobre o *conflito*.

Nessa larga história social, que vai do período que antecede o descobrimento do Brasil ao fim da Primeira República, Gilberto Freyre aponta para a não

solução de continuidade da ordem social, a não interrupção das formas de organização, a não violação de contratos e, principalmente, o não rompimento das relações sociais. Essas seriam características essenciais da sociedade brasileira. A transição é vista como um momento de crise da ordem social, que logo encontrará seu reequilíbrio, sem alterações fundamentais. É como se o elemento desencadeador da crise fosse um ruptor que tem por função interromper e reestabelecer sucessivamente a corrente elétrica alimentadora do curso social.

A partir dessa perspectiva, ao sociólogo cabe compreender o sentido dessa ordem e descrever a *démarche* como natural. Esta só pode ser vista como quebra se estivermos comprometidos com ela, isto é, se não nos colocarmos numa distância "convenientemente científica".⁶ A crise é caracterizada como a perturbação de um equilíbrio existente — de ordem econômica, política, social, moral — e só pode ser tomada como alteração quando vista de certa perspectiva, a partir da qual os atores sociais a observam e a sentem. Nesse sentido, a crise não resultará necessariamente numa tensão que se explicita em conflito. Para que isso ocorra, é preciso que se traduza em termos de antagonismos explícitos.

A descrição gilbertiana da sociedade brasileira caracteriza-se por mostrar que os atores sociais se encontram num *locus não antagonico*. Os conflitos existem, por certo, por serem inerentes ao social. Todavia, são todos do mesmo grau, temperados num caldo cultural que os torna parte de um jogo político que se dá igualmente no público e no privado; no espaço doméstico e no campo social. Não é sem sentido a busca de analogias na *casa* e na *comida*.

Esse procedimento permite apagar os antagonismos, na medida em que define os opositores não como inimigos, mas como *atores sociais*; e, nessa qualidade, como parceiros num jogo político e não como oponentes num campo de luta.

Em outros termos, o conflito não é uma anomalia, pois a violência é interna à sociedade, cotidianamente reiterada no seio da família e da comunidade. Mas sua resolução ganha a mesma circunscrição; encontram-se exatamente no mesmo espaço as formas de resolver a crise. Por isso o social e o político são inseparáveis. Mais ainda, inseparáveis as idéias de autoridade e poder*.

Gilberto Freyre busca a saída para o impasse. Já que os conflitos de fato eclodem na sociedade e emergem, muitas vezes, por via de movimentos sociais, encaminha a reflexão sobre eles em termos de processos sociais.⁷ Parte da idéia que sempre os processos sociais são de *interação* ao mesmo tempo *social e psicológica*. Rejeita a colocação de que a *competição* os resume a todos e que acomodação, assimilação, imitação, diferenciação estão necessariamente referidas a ela. Afirma que, embora exista uma universalidade nos processos sociais, as sociedades são caracterizadas pela forma que uns assumem preponderância sobre os outros. Indo além, mostra que é equívoco considerar como dois processos diferenciados *competição* e *conflito*. Tal segmentação só se opera quando o analista também separa a *ordem social* — à qual pertenceria a primeira — da *ordem política* — com a qual se identificaria o segundo. Mais ainda, quando examina a competição como componente da esfera do *inconsciente* individual e o conflito dando-se na esfera do *consciente*.

* Em vários estudos contemporâneos retoma-se esta temática, apontando-se para a existência de uma *microfísica* do poder.

Encontra a raiz do erro no fato de os sociólogos considerarem *cooperação, competição, assimilação, acomodação, imitação, diferenciação, dominação, exploração, subordinação* como mecanismos especiais separados do *processo básico* — o contato — e do *geral* — a interação. Tanto o *contato* como a *interação* são processos sócio-psíquicos ou psicossociais.⁸

Assim, para Gilberto Freyre o centro da reflexão sociológica deve ser o estudo do contato e da interação, e isso torna-se possível apenas a partir da análise das relações *face-a-face*. Estas só aparecem nas “pequenas expressões de vivência e de convivência cotidiana: aquelas que só se surpreendem, considerando-se no passado de um grupo humano (. . .), o cotidiano doméstico”.⁹

O assunto básico da sociologia gilbertiana é o *conhecimento do senso comum da vida cotidiana*, buscando o modo através do qual o homem organiza suas experiências, dia-a-dia, como formas de viver e perceber o social.¹⁰

Partindo da idéia, já apontada, de que a interação é um processo simultaneamente social e psíquico, mostra que a sociologia não pode operar com categorias explicativas universais. Ao contrário, deve se apossar das construções do senso comum, formas pelas quais os membros de um grupo interpretam e vivenciam o mundo e as relações sociais como a realidade de suas vidas diárias. Nesse sentido, os instrumentos das Ciências Sociais não podem ser outros senão aqueles elaborados sobre as construções feitas pelos atores sociais para *interpretar seu mundo*. Por isso a característica básica da sociologia é ser *compreensiva*: sua matéria-prima, a compreensão dos significados e motivações dos atores sociais.¹¹

Tal configuração define o método: *a empatia*, isto é, a possibilidade de o analista assumir o papel do (ou dos) analisados.¹² É a busca de um instrumento que lhe permita participar de vidas simbólicas onde se encarnem de modo mais típico as idealizações de uma época ou de uma cultura: o *mito*. Trabalhar com o *mito* significa para ele ultrapassar o nível apenas racional e objetivo e alcançar as dimensões subjetivas da análise. Também permite o exagero de certos traços que possibilitem a criação de tipos, abrindo espaços a que se superponham, no mito, tipos aparentemente inconciliáveis: casa-grande/senzala, sobrados/mucambos, ordem/progresso. Desse modo processa a transfiguração de tipo em símbolo: a casa-grande representaria a dominação; a senzala, a subordinação, a submissão. Porém, o que seu pensamento quer demonstrar, é que o tipo criado ao nível da análise, assume traços específicos em sua concreção; o “&” que liga *Casa-Grande & Senzala* significa interpenetração de tipos. A interpenetração dominação/submissão concorre para a estabilidade da sociedade brasileira.

Embora lide com a idéia de tipo e caracterize a sociologia como compreensiva à moda weberiana, neste ponto Gilberto Freyre se afasta de *Weber* e se aproxima de *Simmel*: os tipos balizam sua interpretação, mas somente naquele ponto em que o tipo é questionado torna-se objeto de sua análise. Para apanhar o ponto de intersecção entre os tipos, propõe-se estudar o cotidiano. A partir das pequenas expressões da vida cotidiana, pretende perceber a historicidade do social.

Essas colocações repõem em um novo patamar o problema do conflito. Volto à questão da competição e do conflito como termos intercambiáveis. A raiz do debate está em *Weber* que define a competição como elemento constitutivo da ordem social (competição regulada). Desse modo opera-se, no seio da sociedade, uma seleção contínua, a *seleção social*, resultado de um processo

que põe em movimento as condições pessoais requeridas e definidas pelo próprio campo da luta. ¹³ Gilberto Freyre retoma esse debate mostrando que não há *luta definitiva* no sentido de eliminar-se o conflito. Mais ainda, mostra que o processo se repete continuamente fundado no segredo da articulação competição/cooperação. Desse modo, afirma que "a própria exploração requer a cooperação tácita da vítima cuja dependência é necessária à continuação de tal relação. Sob esse critério, também a subordinação em relação com a exploração ou a dominação seria, quer considerada condição, quer processo, expressão, no primeiro caso, do processo de cooperação, e no segundo caso, processo idêntico ao de acomodação". ¹⁴ Em outros termos, pela obediência o dominado engendra sua própria dominação. Na colocação dos traços psicológicos do indígena e do negro, Gilberto Freyre lembra o *masoquismo*, que ultrapassa o nível individual transformando-se em caráter social: o povo brasileiro se compraz com o mando. ¹⁵ Mas esta aceitação de uma forma política mais ampla tem suas raízes no "treino" cotidiano tanto do autoritarismo quanto da submissão; de modo que todas as formas de exercício do poder são equivalentes. As relações de poder podem explicar-se em termos de acomodação. É assim que pode afirmar: "O senhor absoluto é influenciado pelo escravo mais sem vontade própria. Daí poderem as relações entre eles ser consideradas expressão do processo de acomodação". ¹⁶

Ao colocar a questão do conflito nessa ótica, afirma: "As relações entre casa-grande e senzala e entre sobrados e mucambos não foram, no Brasil, relações em que predominassem antagonismos de classe contra classe, embora esses tenham colorido fortemente episódios nada desprezíveis do passado quer pré-nacional, quer nacional, do nosso país", isto porque tem "sido tão extrema entre nós a interpenetração entre culturais senhoriais e servis, entre sangues igualmente senhoriais e servis, que o Brasil não só pertence ao número de sociedades neo-européias nos trópicos caracterizadas pelo que é misto — de origem senhoril e servil, européia e não-européia, na sua cultura e no seu *ethos* — como se destaca de todas elas, pelo relevo que aqui tomou esse processo de interpenetração até de contrários cuja harmonização vem se desenvolvendo". ¹⁷

Essas posições tornam a obra de Gilberto Freyre, localizada na década de 30, elemento importante no jogo das forças políticas de então. Seu discurso, que aparece como "científico", transfigura-se em "discurso político", instrumento fundamental na construção do pacto de 30.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 CÂNDIDO, Antônio. A revolução de 30 e a cultura, *Novos Estudos CEBRAP*, 2(4): 32, abril de 1984
- 2 CÂNDIDO, Antônio, mostra como um processo semelhante ocorre na literatura brasileira, em *Formação da literatura brasileira*, 6ª ed., Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1981

- 3 MONTEIRO LOBATO, J. B., Prefácio in: MELLO MENEZES, Diogo de. *Gilberto Freyre (notas biográficas com ilustrações, inclusive desenhos e caricaturas)*, Rio de Janeiro, CEB, 1944, pp. 9-11.
- 4 CÂNDIDO, Antônio. *A revolução de 30 e a cultura*, ed. cit., p. 33 (citando comentário de Plínio Barreto).
- 5 *Ibidem*
- 6 FREYRE, Gilberto. *Sociologia*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1945, 2º volume, pp. 316-317
- 7 *Ibid.*, pp. 358-371
- 8 *Ibid.*, pp. 361-362
- 9 *Id.*, *Como e porque sou e não sou sociólogo*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1968, p. 71
- 10 Esta tendência analítica que em Colúmbia nos anos 20 tem seu grande mestre em Giddings, que na década de 30 desenvolve-se com A. Schulz, volta a interessar largamente as Ciências Sociais contemporâneas. Têm aparecido recentemente muitos estudos no Brasil, influenciados pela denominada Sociologia Fenomenológica.
- 11 FREYRE, Gilberto. *Como e porque sou e não sou sociólogo*, ed. cit., pp. 26-27
- 12 *Ibid.*, p. 55
- 13 WEBER, Max., *Economia y sociedad*, trad. ECHAVARRÍA, José Medina e outros, México, Fondo de Cultura Económica, 1969, pp. 31 e seg.
- 14 FREYRE, Gilberto. *Sociologia*, ed. cit., 2º vol., p. 362
- 15 FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*, 21ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1981
- 16 FREYRE, Gilberto. *Sociologia*, ed. cit., 2º vol., pp. 360-370
- 17 *Id.*, *Como e porque sou e não sou sociólogo*, ed. cit., p. 154.